



## NOVAS CARTAS À GUINÉ-BISSAU: A GUINÉ É AQUI!

Café Paulo Freire UDESC<sup>1</sup>

**RESUMO:** Nesta Carta Pedagógica, apresentamos uma sistematização dos saberes, conhecimentos, experiências, angústias, dúvidas e utopias mobilizadas no minicurso “Conjugando passado-presente-futuro com Amílcar Cabral e Paulo Freire”, realizado pelo Café com Paulo Freire UDESC, em 2023/1, por intermédio de movimentos formativos via Extensão Universitária. O minicurso teve como um de seus resultados marcantes a mobilização dialógica do conceito de *cultura* em Cabral e Freire, como elemento para pensarmos uma práxis de autoafirmação coletiva de resistências, enquanto sujeitos históricos em luta por libertações.

**PALAVRAS-CHAVE:** Amílcar Cabral; Experiências de Paulo Freire em África; Cultura

**Meiembipe de Nossa Senhora do Desterro de Flori(p)anópolis, 04 de julho de 2023<sup>2</sup>**

Àquelas e àqueles que seguem nas andarilhagens da “Rede Internacional Café com Paulo Freire”, saudações revolucionárias e encharcadas de nossos esperançamentos!

Mobilizadas/os pelo desejo de seguir dialogando com Amílcar Cabral e Paulo Freire, gostaríamos de dizer-lhes, estimados *compas*, de uma vivência formativa que experienciamos no nosso Café com Paulo Freire UDESC, em torno das biografias e das obras desses dois pensadores-militantes da libertação humana: libertação da colonização das mentes, libertação das culturas oprimidas em processos criativos-

---

<sup>1</sup> Esta Carta Pedagógica é fruto de um processo de escrita coletiva vivenciada no minicurso “Conjugando passado-presente-futuro com Amílcar Cabral e Paulo Freire”, por meio do qual os Coordenadores de Debates e sujeitos participantes, de forma mais ou menos direta, tiveram uma intervenção objetivada na construção deste texto que situamos para diálogo na Rede Internacional. Em síntese, a metodologia de escrita da Carta envolveu: a) apresentação de uma proposição de “remetente” e “destinatário”, bem como de parágrafos temáticos iniciais pelos Coordenadores ao grupo; b) sistematização de saberes, conhecimentos, experiências, desejos, angústias e utopias com Cabral e Freire como interlocutores, a partir de *palavras-mundo* emergidas durante os diálogos problematizadores, pelos/as participantes do minicurso; c) proposição de parágrafos de finalização e harmonização final intra-parágrafos da Carta, pela Coordenação. O resultado final desta composição foi submetido ao coletivo de sujeitos inscritos no minicurso, residindo, assim, no formato aqui disposto. Contato: malaggi@gmail.com.

<sup>2</sup> A ilha, que compreende hoje boa parte do município de Florianópolis, já recebeu várias denominações. Dos povos indígenas, que primeiramente a habitaram, ganhou nome de *Meiembipe*, que, em tupi-guarani, significa “elevação de montanhas ao longo do mar”. Posteriormente, foi chamada de Ilha de Santa Catarina, depois de Nossa Senhora do Desterro, chegando a Florianópolis ou, simplesmente, Floripa. Ver mais em: <https://rpefloripa.libertar.org/wp-content/uploads/2022/03/RPE-Floripa-Territorios-de-resistencia.pdf>.



revolucionários, libertação da condição humana impedida da busca permanente do *ser mais*.

Tal vivência deu-se no âmbito da Extensão Universitária, por meio da qual mobilizamos nosso Café na UDESC, mais especificamente em um minicurso de duas noites, no semestre de 2023/1, a partir de sua configuração enquanto um Círculo Epistemológico - lócus para a proposição de diálogos que mobilizem a sensibilização, ampliação e sistematização de conhecimentos em torno de “hipóteses geradoras” (ROMÃO et al., 2006), presentes no universo temático (FREIRE, 2011) de nossa contemporaneidade.

No nosso Círculo Epistemológico, dentre outras tantas formas de diálogo, Cabral e Freire estiveram conosco em nossas atividades extensionistas, mobilizando *que-fazer*es insurgentes. Revisitando o que esses autores disseram outrora, a partir do estudo de alguns dos seus textos e de pequenos trechos de vídeos, tomamos como ponto de partida (e desejo de chegada!) algumas problematizações sobre os processos de (in)dependência em África (e no Brasil...), bem como da práxis necessária para que possamos desencadear algumas (novas-velhas) marchas... Nosso desejo é seguir nas andarilhagens históricas, reinventando as marchas de que Freire nos falou, enquanto um de seus legados-testamento: “marchas dos que não têm escola, marcha dos reprovados, marchas dos que querem amar e não podem, marchas do que se recusam a uma obediência servil, marchas dos que se rebelam, marchas da/os que querem ser e estão proibidos de ser” (FREIRE, 1997).

Estimadas/os *compas*, Cabral e Freire nos fizeram pensar o papel central da cultura nos processos de libertação, enquanto movimento vivo e dinâmico de (re)afirmação, conscientemente crítico, das nossas formas objetivo-subjetivas de ser e estar no/com o mundo e os outros. Portanto, trata-se de uma concepção de cultura profunda, muito além da exacerbação de aspectos folclóricos das massas ou de manifestação artísticas, via de regra, pequeno-burguesas e necessariamente distantes do diálogo com a realidade popular. É uma concepção de cultura, enfim, intrinsecamente vinculada à noção de práxis, tal como nos situam Marx e Gramsci, autores que tanto em Cabral quanto em Freire parecem confluír em suas análises teóricas. Segundo Cabral (s/d, p. 19):



[...] a cultura é o próprio fundamento do movimento de libertação e [...] apenas podem mobilizar-se, organizar-se e lutar as sociedades que preservam a sua cultura. [...] É nela que reside a capacidade de elaborar ou fecundar os elementos que asseguram a continuidade da história e determinam, ao mesmo tempo, as possibilidades de progresso ou de regressão de uma sociedade.

Durante as duas noites de diálogos que participamos, pudemos trazer para roda questões que se aproximam em Amílcar Cabral e Paulo Freire, sintetizadas em *palavras-mundo* como: “culturas de resistências”, “realinhar discursos e práticas coletivamente” e “tornar consciente a colonização”. Neste sentido, são categorias que aparecem nas falas de ambos os autores, apresentando interlocuções potentes para pensar nosso país e seus dilemas contemporâneos, que, com Guiné-Bissau e Cabo Verde de Amílcar Cabral, guarda pontos de semelhança histórica. Ao tomar consciência da colonização das mentes, do subdesenvolvimento gerado como forma de opressão geopolítica imperialista e, assim, buscar alternativas históricas para sua superação, visualizamos com Cabral a necessidade de solidificarmos culturas de resistências valorizando o saber-lutar de cada povo; a partir daí, abrem-se potencialidades de realinhamentos diversos dos discursos e práticas coletivas.

Tais elementos apontam para a emancipação do sujeito e, por consequência, sua libertação enquanto ato também cultural. Ainda, é importante destacar que, em Freire, a Cultura perpassa por todo o seu pensamento, iniciando com os *Círculos de Cultura* como proposta epistemológico-política e método de trabalho pedagógico, pela escuta densa que parte da busca do universo temático de investigação de cada comunidade.

Neste sentido, Amílcar afirma que a cultura, enquanto mola propulsora das lutas populares por resistência e libertação, se apresenta como fato e fator cultural – abrange as dinâmicas populares de luta já constituídas culturalmente na história de cada povo e, dialeticamente, gera outras tantas necessidades culturais a partir do que a própria luta de libertação vai situando como necessidade-futuridades. Lembramos, estimadas/os *compas*, que, do contexto de que Cabral compartilha suas reflexões, temos uma análise do papel da Cultura no âmbito de um povo também em momento de luta armada contra o jugo colonial português:

Compreende-se assim que, sendo a dominação imperialista a negação do processo histórico da sociedade dominada, ela seja necessariamente a negação do seu processo cultural. Também – e porque uma sociedade que se liberta verdadeiramente do jugo estrangeiro retoma o caminho ascendente de sua própria cultura, a qual se alimenta da realidade via do



## Pensar para transformar o mundo

cafecompaulofreire@gmail.com

meio e nega tanto as influências nocivas como toda espécie de sujeição às culturas estrangeiras – a luta de libertação é, acima de tudo, um acto de cultural. [...]

Qualquer que seja a sua forma, sabe-se que a luta exige a mobilização e a organização de uma maioria importante da população, a unidade política e moral das diversas categorias sociais, a liquidação progressiva dos vestígios da mentalidade tribal e feudal, a recusa da regras e dos tabus sociais e religiosos incompatíveis com o carácter racional e nacional do movimento libertador, operando ainda muitas outras modificações profundas na vida das populações.

Isto é tanto mais verdadeiro quanto a dinâmica da luta exige ainda a prática da democracia, da crítica e da autocrítica, a participação crescente das populações na gestão da sua vida, a alfabetização, a criação de escolas e de serviços sanitários, a formação de quadros saídos dos meios rurais e operários, e muitas outras realizações que implicam uma verdadeira marcha forçada da sociedade no caminho do progresso cultural. Isto prova que a luta de libertação não é só um facto cultural, é também um factor de cultura. (CABRAL, s/d, p. 19-20 – grifo do autor).

Parece-nos que a *práxis* libertadora porque [também] cultural de Cabral e do povo da Guiné-Bissau e Cabo Verde, queridas/os *compas* da Rede Internacional, nos ensinou o valor de historicizarmos e corporificarmos em novas lutas-marchas as diversas dimensões prático-objetivas e estético-simbólicas que nos constituem como (rede) de sujeitos coletivos que luta. Trata-se de uma luta em resistências com dimensões também culturais, com direção e objetivos claros, que sabe o “nome e o endereço” de nossos inimigos históricos: luta pela transformação radical das situações multipolares de opressão engendradas no seio da sociedade capitalista contemporânea – de classe, de raça, de gênero; sexual-afetivas, capacitistas, etárias, regionais, geracionais, etc.

Estimadas/os *compas*, em nossas discussões com Cabral e Freire, enquanto pensadores críticos da (neo)colonialidade, intencionamos tornar consciente que para a construção de um verdadeiro poder popular, em países como Guiné-Bissau e Brasil, torna-se necessário um processo de descolonização das mentes. Anos de dominação violenta acabam tendo consequências no modo de pensar de um povo: faz-se necessário, sendo assim, livrar-se dessas amarras impostas via “invasão cultural”. (FREIRE, 2011). Uma das iniciativas centrais do Partido Africano para a Independência da Guiné e Cabo Verde (PAIGC) enquanto vanguarda político-popular da independência de Guiné-Bissau e Cabo Verde foi a constituição da escola-piloto, em 1964. Com um papel de suma relevância no processo revolucionário, na abordagem ensejada pela *práxis* cabralina, a escola trata-se do espaço formativo



unitário, nos moldes gramscianos, que mobiliza na sociedade dentre outros aspectos formativos um pensamento crítico à cultura dos dominadores, combatendo a colonização das mentes pela reafirmação das culturas populares de resistência em África.

Dessa forma, é possível entender a Educação como uma arma potente também para formar uma matriz de pensamento descolonizada, incentivando uma libertação criativa da cultura popular por intermédio de manifestações de valoração e (re)construção das suas resistências, bem como na autocrítica necessária àquilo que Cabral (s/d) chamava de “debilidades da cultura” (por exemplo, o pensamento mágico e fatalista, muitas vezes, existentes nas formas populares de ler e compreender o mundo).

Em suma, o que nos afeta e atravessa desses encontros extensionistas é uma preocupação e, ao mesmo tempo, uma alegria, que outrora uniu Paulo Freire e Amílcar Cabral, com tamanha potência e repercussão. Reunimo-nos hoje em torno de discussões necessárias e históricas, denotando a importância e a atualidade dos pensamentos desses teórico-práticos nas nossas ações, movimentos, resistências – para mobilizar gentes corporificadas, comprometidas com a defesa da melhoria da vida, a fim de que a justiça social se estabeleça. Assim, é possível uma tomada de posição clara em direção ao desocultamento de uma concepção de progresso que se faz regressão, por meio de uma abordagem (ou uma dinâmica) que naturaliza as condições de produção materiais da humanidade situadas na lógica neoliberal, cuja centralidade é o lucro.

Para Cabral, tradição e progresso podem andar juntos, enriquecendo-se, mútua e dialeticamente, na luta pela libertação dos povos colonizados e da opressão dos seres humanos entre si. Não seria daqui, talvez, que novas epistemologias de um “Sul global” poderiam emergir mais afeitas à valorização e à promoção do ser-mais de tal forma que a ciência e a tecnologia, por exemplo, pudessem ser elementos ressignificados (objetiva e subjetivamente) nos/pelos processos de libertação cultural criativa dos povos em luta?

Estimadas/os *compas* da Rede Interacional Café com Paulo Freire, nos mobiliza, de cá onde falamos e a partir de nossos diálogos com esses autores, saber se e como o pensamento e prática de Amílcar Cabral vem mobilizando também nos demais Cafés reflexões críticas em torno do conceito de *cultura*, enquanto fundamento



das práticas educativas que, pretendemos com Freire, sejam libertadoras. Sobretudo, gostaríamos de saber como podemos pensar redes de culturas em resistência, fortalecendo-as pelas diversas formas como grupos, povos e sujeitos coletivos populares, na multifacetada experiência histórica de opressão e (neo)colonialidade em nosso país, em contraposição antagônica e, portanto, radical, contra tudo aquilo que ainda busca “deter a primavera”.

Certos de que este diálogo possa continuar, desejamos às/aos *compas* perseverança e força na luta, por “[...] um mundo em que seja menos difícil amar”. (FREIRE, 2011, p. 253).

**Um abraço fraterno!**

**Coletivo de sujeitos participantes do Café com Paulo Freire UDESC – 2023/1**

## REFERÊNCIAS

CABRAL, Amílcar. **Textos políticos**. s/d. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/cabral/ano/mes/51.pdf>. Acesso em: 8 jul. 2023.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 50 ed. rev. e atual. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

FREIRE, Paulo. **Última entrevista de Paulo Freire**. [Entrevista concedida a] Luciana Burlamaqui. TV PUC-SP, São Paulo [17 abr. 1997]. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=UI90heSRYfEA>. Acesso em: 24 jul. 2023.

ROMÃO, José Eustáquio; CABRAL, Ivone Evangelista; CARRÃO, Eduardo Vitor de Miranda; COELHO, Edgar Pereira. Círculo epistemológico: círculo de cultura como metodologia de pesquisa. **Revista Educação e Linguagem**, São Bernardo do Campo: UESP, v. 9, n. 13, p. 173-195, jan./jun. 2006.